

O VALE DO SILÍCIO QUE NÃO HOUE

No final dos anos 60, no bojo das discussões do primeiro Plano Diretor de Franca e de um intenso processo de urbanização e industrialização da cidade, a cidade teve uma oportunidade única, desperdiçada em parte pela falta de visão de seus políticos, parte por seu tradicionalismo. Refiro-me ao episódio de criação e destruição do Instituto de Pesquisas, Estudos e Serviços – o IEPES da então Faculdade de Ciências Econômicas.

Naquela época, havia um esforço real em modernizar a administração municipal. Por um lado, o papel de vanguarda assumido pela consultoria externa do GPI, empresa de planejamento dirigida por Sérgio Motta (que viria a ser ministro das Comunicações de FHC) e que dava guarida a perseguidos políticos de esquerda com alta capacidade técnica (muitos impedidos pela ditadura militar de atuar nas universidades ou à luz do dia, impelidos à clandestinidade) e por outro, os políticos locais premidos pelas demandas da sociedade e da cidade em crescimento explosivo – que enfrentava falta d'água, de capacidade de infraestrutura, falta de vagas em escolas e de habitações sociais, conflitos de zoneamento por causa das indústrias.

A criação do IEPES se deu neste caldo de cultura, de crise e expansão urbana acelerada. Congregou jovens economistas como Luiz Tacca Jr., Fernando “Bolinha” Bueno e os primeiros “nerds” da cidade interessados em informática, ação pioneira, como Marcos Vinicius D'Elia, Gosuen, Luiz Fernando Heise, José Manoel de Paula dentre outros (e uma carioca que ninguém lembra o nome). O IEPES tinha um computador daqueles que ocupavam uma sala inteira (tipo Hal 9000, do filme “Odisseia no Espaço” de Stanley Kubrick), barulhento, consumidor voraz de energia, que começou a ser usado para gerar o IPTU e informações socioeconômicas sobre a cidade, importantes para o desenvolvimento do processo de exportação de calçados, um avanço extraordinário na época, coisa futurista e visionária.

No entanto, a transição entre os governos Lancha e Hélio Palermo, que retornou em 73 à Prefeitura, gerou um atrito político e terminou em retrocesso, que acabou por extinguir a inovadora experiência do IEPES. Resultado: da startup do IEPES surgiram várias empresas privadas pioneiras de informática, como a Datamaster (Marcos D'Elia e Gosuen), Especo (Fernando Bueno), Orimplan (José Manuel de Paula) e a Misame, do grupo Samello. Hoje, nenhuma delas existe mais. Poderia ter sido diferente a história da cidade se aquele experimento do poder público tivesse continuidade?

Enquanto cidades mundo afora discutem políticas para a economia criativa, inclusão social, indução pelo poder público da sustentabilidade urbana, ações para diversificação cultural, qualidade da educação, novos paradigmas para atenção à saúde pública e tantas outras questões contemporâneas, aqui atravessamos um deserto de ideias. Franca continua comandada por velhos políticos (ou políticos velhos?) representantes do atraso, do autoritarismo e conservadorismo de direita, da ausência de políticas públicas inovadoras e inclusivas. Infelizmente, a perspectiva é a perpetuação do arcaico, reduzindo suas chances de avançar noutro rumo.

Mauro Ferreira é arquiteto

